

Autora © Catrin George Ponciano – www.catringeorge.com

Fotos © Ana Vidigal & Luisa Ferreira

Em comemoração de Dia da Mulher 2020

REVOLUÇÃO NÃO É UM CHÁ DANÇANTE

A Dra. Irene Flunser Pimentel, sabe-o, desde há cinquenta anos, já pela sua experiência, já pela sua vida activa política, e conta-nos as suas experiências durante a participação que teve na vida clandestina e na luta pela democratização de Portugal.

Irene Flunser Pimentel era e é uma mulher inconveniente. Desde jovem, a Historiadora promoveu e defendeu os valores sociais-democratas, lutou permanentemente pelo pluralismo, pela igualdade de género, pela liberdade de expressão e pelos direitos da mulher. Durante os anos activos da sua carreira política antes, durante e depois da revolução dos cravos, protestou contra as classes na sociedade. Durante os últimos quarenta anos da Social Democracia, continuou a sua luta de outro modo, vindo a ser uma excelente investigadora histórica e política, e uma lutadora pela igualdade de género.

Filha de um empresário químico-farmacêutico e director técnico de um laboratório de família, e de uma senhora suíça, Irene nasceu em 1950 e cresceu num ambiente protegido e privilegiado. Que o mundo “fora” era bem diferente do seu próprio mundo, só o soube com o início da educação escolar no Liceu Francês, em Lisboa.

A educação nessa escola era baseada nos pilares da igualdade de género de todos os humanos, independente da origem por nascimento, religião ou status-quo social. Esta educação com orientação humanista, espelhava o contrário da educação nas escolas públicas da época. Nestas, os alunos eram educados com orientação pro-fascista e fidelidade total ao regime, com obediência, sem excepção.

O contraste entre o mundo familiar e o mundo público era enorme. Irene percebeu, pela primeira vez o que significava marginalização, justificada pela origem social, ao ter uma amiga com raízes judias. Os seus avós tinham fugido durante a IIª Guerra Mundial da Alemanha-Nazi e do Holocausto, para Portugal e aqui ficaram. Os pais da amiga da Irene falavam sobre o que estava a acontecer em Portugal por causa do Fascismo, e também do que tinha acontecido na Alemanha com os judeus durante o Regime Nazi.

Uma experiência marcante. Irene percebeu, que também em Portugal o medo fazia parte da Vida diária na classe trabalhadora. Quem não obedecia, era castigado. Quem nascia na classe trabalhadora, aí permanecia. Para sempre marginalizado e separado da

educação superior. Sem perspectivas de uma vida melhor. Ainda pior era a situação para as mulheres nessa época. O código civil retirou quase todos os direitos das mulheres, de ter oportunidade de criar uma vida independente da família ou do matrimónio. Esta verdade política totalitária, era uma catástrofe. Sentiu-se separada desta realidade, porque ela *não* tinha nascido na classe trabalhadora. E foi essa discrepância que deu início à sua disponibilidade incondicional para lutar pela igualdade e pelo pluralismo. Irene compreendeu a citação da feminista Emma Goldman, “A revolução não é um chá dançante”, como um desafio pessoal e sentiu necessidade de levantar-se e de lutar pelas suas próprias convicções.

Em Paris, Irene tinha quase vinte anos, experimentou para a primeira vez os efeitos das “massas” do movimento de Maio de 68. Em Paris, toda agente marchava nas ruas, gritava, manifestava-se e dizia o que pensava. Era um mundo de activismo totalmente novo. Logo participou num grupo de esquerda-radical e mobilizou-se, juntamente com outros portugueses exiliados ou emigrantes, contra a classe social superior. Para entrar em contacto e em o intercâmbio de opiniões com o tal chamado “Proletariado”, Irene trabalhou em fábricas.

Regressada a Portugal, as manifestações terminaram. A luta contra o regime não acontecia na rua, acontecia na sombra, na clandestinidade. Com a sua experiência de Paris, Irene facilmente encontrou entrada numa célula clandestina e participou activamente na propaganda, passou mensagens, duplicou cartazes, e muito mais, dada a sua visão marxista-leninista. Durante este período da clandestinidade Irene tinha sempre um pé na prisão.

Mas, mesmo assim, levou o seu direito à luta muito a sério. Ela era sincera. Era e é. Não recuou. Não fugiu. Nunca fingiu. Nunca falou apenas em “fazer a revolução”, sempre participou. Mas até na clandestinidade, as mulheres foram confrontadas com obstáculos. Também na luta contra o fascismo, contra a desigualdade, contra o maltrato dos direitos da mulher, os homens da célula dominavam a estrutura hierárquica e não deixavam as mulheres subir a posições de liderança. Pelo contrário. Muitas mulheres sofreram ao serem aproveitadas para os desejos masculinos. Uma verdade inesperada, que lhe deixou marcas.

Depois do 25 de Abril 1974, Irene ainda continuou a lutar pelas suas convicções políticas. Até que, em 1978, percebeu que os camaradas da revolução já não eram iguais ao que haviam sido. Deixa a política activa, deixa as manifestações, os encontros nocturnos e as debates até ao nascer do sol, e procura um caminho novo.

Um caminho que levasse à liberdade. Mas esta liberdade que procurou, para que ela e muitas outras mulheres pudessem lutar, não a encontrou e, por isso, ficou desapontada. Os princípios da Democracia não foram implementados como prometido.

Então Irene recuou para uma fase da reflexão, de reclusão, sobre a questão: “o que vou fazer com a minha Vida?”. Decidiu entrar na Universidade e ser Historiadora. Entretanto, começou a utilizar a sua voz de uma nova forma: na escrita.

O lema, “*se desejas mudar algo, não fales apenas, coloca a tua convicção em prática*”, reacordou forte e permanente. A arma chama-se “palavra” e Irene sabe, profundamente, como se pode utilizá-la. E utiliza.

Com um esforço incansável, continua a denunciar qualquer tendência de marginalização, de racismo, de neo-fascismo e de xenofobia. A Historiadora levanta a sua voz nos jornais diários, nas plataformas multimédia, e em inúmeras publicações literárias, científicas e públicas. Escreve livros. Ensaaios. Trabalha juntamente com outros historiadores e pessoas da vida pública e faz oposição.

Oposição com verdade. Oposição sobre temas inconvenientes da história recente de Portugal. Com as suas obras sobre a PIDE; o Holocausto, as Mulheres de Portugal e muitas outras, Irene retira acontecimentos históricos da sombra, e trá-los para a luz.

Quebra o ciclo de silêncio, publica obras sobre temáticas tristes e cruéis para todos nós lermos, e sabermos, para não esquecermos o que aconteceu durante o Nacional-socialismo na Alemanha, durante o clerical-fascismo em Portugal, durante a Guerra do Ultramar em Angola, em Moçambique. Assim, Irene dá rosto às pessoas que estiveram envolvidas. Os culpados e as vítimas. E ajuda a criar uma cultura da Memória.

Pelo Valor da sua Obra de Vida, a Dra. Irene Flunser Pimentel recebeu, entre outros prémios, o *Prémio Pessoa*, em 2007, tal como a cruz de mérito *Chevalière de la Légion d’Honneur française*.

Perguntas a Irene Pimentel :

Catrin: *Como se sentiu durante as manifestações na sua luta em Paris?*

Irene: Para mim, era tudo novo, porque em Portugal as manifestações eram proibidas e logo reprimidas. Foi um mundo novo que se abriu para mim, de militância política revolucionária.

- *Como se sentiu durante as manifestações em Portugal?*

Após o 25 de Abril, quase todos os dias havia manifestações e participei nelas com grande envolvimento e entusiasmo. Depois da queda da ditadura, pensávamos que tudo estava por fazer em Portugal.

- *Ser mulher fazia alguma diferença na hierarquia da célula da qual fazia parte?*

Claro que sim, também nos grupos de esquerda radical havia machismo e segregação das mulheres. A ideologia dominante era o machismo.

- *Qual foi o acontecimento marcante na sua Vida para perceber que a ideia de igualdade entre mulher e homem foi renunciada pelos próprios protagonistas?*

Não posso dizer que houve um momento marcante, mas que houve sim muitos momentos marcantes, e eu ainda não sabia em jovem que o Código Civil português (só mais tarde o estudei) estipulava que o homem era o «chefe de família», ao qual mulher e filhos deviam obediência. Sei também que nunca desejei para mim o casamento precoce e ser mãe de família de muitos filhos. Sempre tive como horizonte estudar, trabalhar, namorar e eventualmente ter filhos, quando e como o decidisse.

- *Deixou a Vida política porque percebeu que uma parte da sua visão morreu. Já encontrou liberdade numa outra forma? Em caso de sim, qual? Em caso de não, porque se sente ainda presa no sistema político democrático?*

A minha visão política foi morrendo aos poucos. Deixei de acreditar progressivamente em «amanhãs que cantam», mas o processo foi longo e doloroso e quando deixei a vida política que escolhera, há muito que não acreditava na ideologia que eu defendera antes. Lembro-me que não soube logo como exercer a minha liberdade. Foi também um processo longo e doloroso encontrar a liberdade (que nunca é plena), mas não trocava essa experiência por outra. A minha liberdade é individual, de escolhas e opções diárias, na minha profissão (que adoro) e no meu relacionamento com os outros. Para mim, a democracia tem muitos defeitos, mas não conheço outro regime melhor do que este, por isso a minha luta agora é pelo aprofundamento sempre da democracia, da igualdade, da liberdade, contra o racismo, a xenofobia e o populismo de extrema-direita. Continuo a ser de esquerda, de uma esquerda democrática.

- *46 anos após a revolução. Que evolução aconteceu para o bem das mulheres no sistema político português desde Abril de 74?*

Penso que a grande mudança e “revolução” nestes 46 anos foi, além da conquista da liberdade e da democracia, as mudanças (na lei, nem sempre na prática) no Código Civil

português que influenciam e moldam a vida das mulheres. Há muito ainda a fazer, sobretudo cumprir a lei.

- O Dia das Mulheres comemora as Mulheres da Luta do passado, que sofreram represálias na sua revolta contra injustiça, racismo, fascismo, o menosprezo da mulher, a discriminação, a marginalização, e muito mais. A Irene também é uma destas Mulheres. Isso tem influência na sua Vida? Como a faz sentir-se?

Sim, comemoro sempre o 8 de Março, data simbólica, mas que remete para as lutas das mulheres ao longo da história e hoje a nível mundial. Sou feminista.

- Qual é a sua mensagem para a próxima geração de mulheres?

A mensagem só pode ser uma: que lutem sempre, de geração em geração, para atingir a igualdade.

Muito Obrigada, Irene.